

# CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CIÊNCIA-TECNOLOGIA-SOCIEDADE E DA TEORIA ATOR-REDE PARA OS ESTUDOS URBANOS<sup>1</sup>

Paulo A. Rheingantz<sup>2</sup>, Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro<sup>3</sup>, Fabíola Belinger Angotti<sup>4</sup>,  
Marcelo Hamilton Sbarra<sup>5</sup>, Juliana Meirelles Guerra<sup>6</sup>

## Resumo

Neste artigo articulamos alguns entendimentos importantes utilizados no campo dos Estudos Urbanos (EU) com o da Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS) – em especial, a Teoria Ator-Rede (TAR) –, principalmente àqueles relacionados a urbanidade e a qualidade do lugar. Como materialidade a ser explorada tomamos como exemplo a Rua Pires de Almeida, localizada no bairro de Laranjeiras, Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro, de modo a evidenciar as aproximações TAR-EU, cartografando associações entre humanos e não-humanos e seus modos de “estar presente”. Para tanto apresentamos inicialmente algumas “ferramentas” conceituais e metodológicas oriundas dos estudos -TAR e, em seguida, seu enviesamento a partir das interfaces com o campos dos EU. Por fim, partindo da noção de múltiplas espacialidades tal como propostas pelos estudos CTS, buscamos cartografar algumas dessas espacialidades tal como se performam na Rua Pires de Almeida, a saber: ambiência, espacialidade fluida, espacialidade das redes e urbanidade-desurbanidade.

## Palavras-chave:

Ciência-Tecnologia-Sociedade; Teoria Ator-Rede; Estudos Urbanos; Espacialidades Múltiplas; Rua Pires de Almeida

## Introdução

O campo dos estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS) e, em especial a Teoria Ator-Rede (TAR), têm produzido interessantes articulações com o campo dos estudos urbanos (EU) com desdobramentos instigantes para o entendimento de *urbanidade e qualidade do lugar*. Em uma primeira aproximação – que procuraremos qualificar ao longo do artigo – essas articulações possibilitam entender *lugar* "como um conjunto de

---

<sup>1</sup> Versão em Português do artigo *Contributions of science–technology studies and actor–network theory to urban studies* originalmente publicado em *Area Development and Policy*, 5:1, 50-74, DOI: 10.1080/23792949.2019.1631196, link <https://doi.org/10.1080/23792949.2019.1631196>

<sup>2</sup> Arquiteto, doutor, professor colaborador voluntário do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, <http://orcid.org/0000-0002-9821-9304>, e-mail: [parheingantz@gmail.com](mailto:parheingantz@gmail.com)

<sup>3</sup> Psicóloga, doutora, professora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFRJ, <http://orcid.org/0000-0002-3476-790X>, e-mail: [rosapedro@globo.com](mailto:rosapedro@globo.com)

<sup>4</sup> Arquiteta, Doutora em Arquitetura, pesquisadora do Grupo Lugares e Paisagens (ProLUGAR), Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ. <https://orcid.org/0000-0002-0865-2842>, e-mail: [fabiolabelangotti@uol.com.br](mailto:fabiolabelangotti@uol.com.br)

<sup>5</sup> Arquiteto, doutorando do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da UFRJ, <https://orcid.org/0000-0003-3944-0954>, e-mail: [marcelosbarra@gmail.com](mailto:marcelosbarra@gmail.com)

<sup>6</sup> Arquiteta, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil e Professora da Faculdade da Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estácio de Sá (Petrópolis - RJ), <https://orcid.org/0000-0002-2293-5152>, e-mail: [arq.jmguerra@gmail.com](mailto:arq.jmguerra@gmail.com).

relações entre atores humanos e não humanos, a ser devidamente mapeado em suas dinâmicas” (Rheingantz et al 2012: 28) cuja *qualidade* "passa a ser uma relação, e não algo concebido pela mente, conhecimento ou cultura dos humanos, nem um atributo dos elementos físicos que a constituem" (Rheingantz et al 2012: 28). Neste artigo exploramos algumas possibilidades de contribuição dos CTS-TAR para os EU, tomando como materialidade privilegiada a Rua Pires de Almeida, situada no bairro de Laranjeiras, Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, Brasil (Fig. 1). Buscamos evidenciar como a contribuição dos CTS-TAR-EU pode contribuir para pensar as associações entre pessoas e coisas, matéria e significado (Fallan 2008), bem como para formular uma ontologia alternativa para esses “objetos” desordenados e evasivos que são os *lugares* (Fariás 2010) e seus modos de “estar presente” (Fariás & Bender 2010).

Para dar conta das conexões que configuram os lugares e as cidades em ação, apresentamos, inicialmente, algumas “ferramentas” conceituais e metodológicas oriundas dos CTS-TAR. Em seguida, exploramos como o campo dos estudos Urbanos têm incorporado o referencial da TAR em suas pesquisas. Mais do que “aplicar” conceitos da TAR aos EU, propomos explorar seus interfaceamentos que, no entendimento de Michel Serres (1999), precisam ser feitos e refeitos a cada encontro. Por fim, buscamos dar visibilidade a tais conexões trazendo um caso exemplar, realizado na Rua Pires de Almeida.

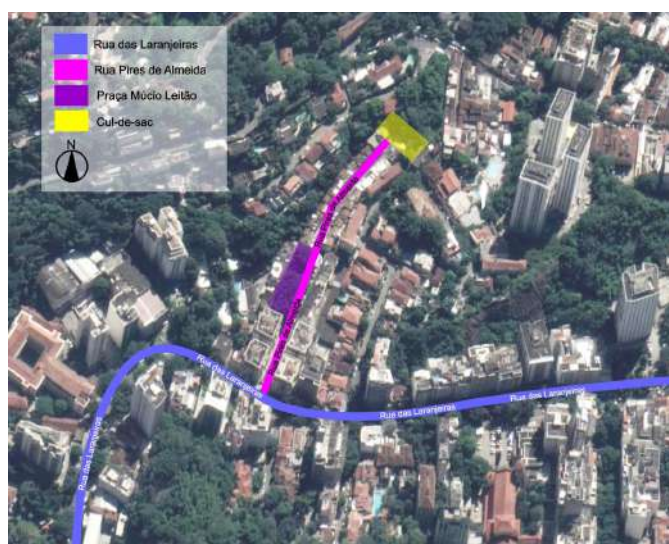
No percurso aqui proposto, seguimos alguns princípios orientadores alinhados com os estudos CTS-TAR<sup>7</sup>. Primeiro, *os lugares* são *performados* ou trazidos à existência (Mol 2002) nas redes<sup>8</sup> de objetos, materialidades, tecnologias, natureza, organismos e seres humanos (Fariás 2010). Performar, nos estudos CTS e na TAR, significa assumir que a realidade é produzida, ou seja, “manipulada por meio de vários instrumentos, no curso de uma série de diferentes práticas” (Mol 2008: 66). Segundo, de modo análogo,

---

<sup>7</sup> Aqui, mesmo não tendo incluído neste artigo, é importante reconhecer a importância da contribuição de Milton Santos (1988; 2006) e Milton Santos *et al* (1998) com relação à qualificação ou requalificação da materialidade dos espaços nas cidades brasileiras.

<sup>8</sup> Cf Latour (1999), na TAR o entendimento de rede significa transporte instantâneo, sem deformação; acesso imediato a cada parte de informação e possibilita relacionar a história social e a história das coisas da natureza (humanos e não humanos); romper as dicotomias entre natureza e sociedade, contexto de descoberta e contexto da justificação, interior e exterior, centro e periferia; compreender os conhecimentos tecnocientíficos como efeitos de uma multiplicidade de interações sociais e técnicas; desenvolver um modelo diferente sobre a descoberta e a invenção onde a natureza torna-se o fato socialmente construído.

compreendemos *urbanidades*<sup>9</sup> (no plural) como qualidades não preexistentes nos lugares, ruas, edifícios, etc., que *emergem* de múltiplos processos de associações (Farias 2010) produzidas pela justaposição de materiais ou eventos heterogêneos, cuja tensão oscila entre os opostos *urbanidade-desurbanidade*. Terceiro, apresentamos os lugares *singulares* como lugares em ação, na medida em que têm localização e forma estável e, ao mesmo tempo, podem acolher *diferentes usos*, transformando-se em outro tipo de construção ou ambiência com relativa facilidade. Por operarem de modo simultâneo com diferentes usos e atores, por serem transformados pelas ações que acontecem em seu interior e exterior, os lugares em ação não podem ser entendidos como objetos estáticos (Latour, Yaneva 2008), mas sim como objetos em movimento, mesmo depois de construídos e em ação.



**Figura 1:** Rua Pires de Almeida e Rua das Laranjeiras.  
**Fonte:** Imagem do Google Earth editada pelos autores, 2018

### **Teoria Ator-Rede, Estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade e depois**

Segundo John Law (2007), a TAR e seus desdobramentos contemporâneos podem ser entendidos como um conjunto de procedimentos sensíveis à complexidade de uma rede de relações que contam histórias interessantes sobre elas e sobre o que nelas interfere. Ele a descreve como uma abordagem que reúne uma família disparatada de instrumentos e métodos, que tratam os mundos natural e social como efeitos continuamente gerados por

---

<sup>9</sup> O uso da palavra no plural se alinha com a discussão apresentada no livro *Urbanidades*, organizado por Douglas Aguiar e Vinicius Netto (2012), que reúne oito entendimentos diferentes, controversos e fundamentados.

redes de relações para estudá-las, explorá-las, descrevê-las e acompanhar a produção ou remodelação de todo o tipo de relações envolvendo diferentes atores – humanos, animais, "natureza", objetos, máquinas, ideias, organizações, desigualdades, escalas ou arranjos geográficos. Fundamenta-se no princípio de que são as relações que dão corpo às múltiplas configurações de realidades. Em um conjunto de narrativas empiricamente fundamentadas sobre casos da engenharia, filosofia das ciências, biologia e estudos científicos, Law (2007) explora vínculos entre barcos, bacilos, moluscos ou textos científicos para explicar a TAR. Nessas narrativas, ocupa-se da arquitetura dos sistemas, da materialidade heterogênea das relações, da sua precariedade no tempo e no espaço, da indiferença dos pesquisadores quanto à verdade ou não do que está sendo investigado, enfatizando o que é produzido pela prática e o interesse pela circulação destas produções. Em lugar de se ocupar com os porquês, a TAR explora os efeitos da lógica das configurações na produção de uma estabilidade relativa. Nessa exploração, acompanha os processos e os efeitos de estabilização e de duração de certas redes (Latour 2001) e as conexões entre humanos e não-humanos, produzindo assim uma peculiar inflexão nos estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS).

Para Moraes e Arendt (2013), alguns autores CTS – como Mol (2002, 2008, 2010); Moser (2000); Mol, Law (2003); Law (2004) – deixaram de acompanhar os processos de estabilização dos objetos nas redes e começaram a "lidar com um processo mais precário, contínuo, fluido, aberto, um modo nunca acabado de fazer existirem realidades" (Moraes; Arendt 2013: 4). Segundo Law (2007, 2008), produz-se um efeito "sísmico" nos CTS a partir do qual alguns pesquisadores passam a se interessar pelos modos como as redes heterogêneas produzem realidades e, também, pela forma como essas realidades são colocadas em cena e a metáfora da *construção* dá lugar à da *performance* [*enaction*]. Se em meados dos anos 1980 Bruno Latour, Michel Callon e Madelaine Akrich debatiam a questão da modernidade, como eram traduzidas as relações entre humanos e não-humanos (Akrich, Callon, Latour 2006), na atualidade proliferam múltiplas interpretações e traduções dos interfaceamentos dos CTS-TAR com outros campos de estudo, inclusive os EU.

Esta proliferação de entendimentos termina por propor múltiplas questões e possibilidades metodológicas a serem exploradas na perspectiva dos CTS-TAR: se a maioria dos métodos e técnicas em ciência e ciência social buscam descrever a

“realidade” baseados na suposição de que ela seria pré-determinada e independente dos instrumentos utilizados para interpretá-la, os estudos CTS-TAR sustentam que essa realidade é *produzida* por essas práticas de pesquisa. Com isso, a suposição característica do “realismo euro-americano” (Latour 2000; Law 2004) de existência de *uma* única realidade ou de um *mundo lá fora* a ser desvelado por *uma mente aqui dentro*, também pode ser considerada um efeito de certas práticas de pesquisa (Law 2004). A necessidade de subverter esse realismo, de entender que o social é um modo de ordenar coisas heterogêneas, antes um verbo do que um substantivo, exige esforço e trabalho contínuo e cotidiano.

Na perspectiva CTS-TAR em lugar de algo dado, a realidade, é *performada* nas práticas cotidianas. A emergência dessa fase "performativa" demanda outras estratégias metodológicas para lidar com o que é passageiro, distribuído, múltiplo, não causal, caótico, complexo (Law 2004). Esse movimento abre uma perspectiva inusitada (Moraes, Arendt 2013): se são os pesquisadores que fazem, criam as realidades que investigam e se são as práticas dos atores que colocam o mundo em cena, a possibilidade de interferir nesta criação e encenar outros mundos implica em outra política de intervenção: uma *política ontológica*, designação proposta por Annemarie Mol (1999), cuja junção indica que a realidade é feita ou "performada"; onde o que conta como realidade envolve negociação e trabalho. Assim, os pesquisadores alinhados com a TAR e com os CTS passam a explorar a possibilidade de intervir, de interferir na composição de mundos, fazendo proliferar versões, reunindo mais atores onde o que se estabiliza nem sempre é o que interessa (Moraes, Arendt 2013).

Essa perspectiva tem sido especialmente fértil no âmbito dos estudos urbanos.

### **Interfaceamentos**

A partir da chamada crise da Modernidade – ou falência do projeto moderno na Arquitetura e Urbanismo que fragmenta as cidades em zonas funcionais cujas distâncias só eram vencidas através do uso do automóvel (Frampton, 2000), os EU vêm reunindo contribuições de autores de diferentes áreas do conhecimento. Uma das primeiras críticas veementes ao modelo moderno de pensar a cidade foi produzida pela jornalista e ativista política Jane Jacobs (2003: p. 52)<sup>10</sup>:

---

<sup>10</sup> Versão original em Inglês The Death and Life of the Great American Cities, publicada em 1961.

Sobre a aparente desordem da cidade tradicional, existe, nos lugares em que ela funciona a contento, uma ordem surpreendente que garante a manutenção da segurança e a Liberdade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso das calçadas, que traz consigo uma sucessão permanente de olhos. Essa ordem compõe-se de movimento e mudança, e, embora se trate de vida, não de arte, podemos chama-la, na fantasia, de forma artística da cidade e compará-la à dança – não a uma dança mecânica, com os figurantes erguendo a perna ao mesmo tempo, rodopiando em sincronia, curvando-se juntos, mas a um balé complexo, em que cada indivíduo e os grupos têm todos papéis distintos, que por milagre se reforçam mutuamente e compõem um todo ordenado. O balé da boa calçada urbana nunca se repete em outro lugar, e em qualquer lugar está sempre repleto de novas improvisações.

O trabalho de Jacobs influenciou uma geração de arquitetos e urbanistas (Frampton, 2000, 301), contribuindo para a reflexão crítica dos anos 1970-1980 sobre a questão do espaço/lugar, identidade cultural, regionalismo crítico, dentre tantas outras questões.

Nos últimos vinte anos destacamos os trabalhos de Josep Maria Montaner e Zaida Muxí, que tratam: das questões e problematizações da crise da modernidade e seus rebatimentos regionais na América Latina (Montaner, 2014); da dicotomia *urbanidade-desurbanidade* e dos chamados “traumas urbanos” (Montaner & Muxí, 2014, 159), como o apagamento da memória e a contemplação de questões relacionadas aos temas fragmentação, caos e iconidade (Montaner, 2016, 69). Outras contribuições que tem nos interessado – Bijker (1995), Amin e Thrift (2002), Amin (2008), Marcuse (2009), Brenner et al (2011), McFarlane (2011), DeLanda (2016) – não são abordadas neste artigo, que explora algumas contribuições dos CTS-TAR para os EU, sem pretensão de comparações ou confrontamentos.

Como nosso conhecimento resulta da subjetividade das nossas escolhas e das múltiplas políticas ontológicas elas performam, é provável – e desejável – que elas sejam diferentes das utilizadas por outros autores, críticos e leitores.

Nesse sentido, ao trazerem os não-humanos para o centro dos debates os CTS-TAR possibilitam assumir plenamente o protagonismo dos objetos da natureza como atores de pleno direito na performance das ambiências e lugares urbanos. A proposta do social como um tipo de relação constituída por diversas cadeias híbridas de elementos heterogêneos e fugazes que são continuamente reunidos em novos coletivos ou associações fluidas (Latour, 2012) de se torna particularmente relevante nos estudos que buscam entender a complexidade e dinâmica do urbano.

Nesse sentido, Farias (2010) observa que as múltiplas interfaces entre os CTS-TAR e os

EU possibilitam transcender o programa forte estruturalista que ainda dá suporte à maioria dos estudos urbanos; que a abordagem CTS-TAR pode contribuir no delineamento de ontologias alternativas para um enquadramento mais rico e sensível à contingência, à complexidade e à diversidade da vida urbana – ou das experiências urbanas dos lugares e cidades em ação. Em outras palavras, a abordagem CTS-TAR possibilita explorar o delineamento de ontologias alternativas para entender, produzir e performar os lugares a partir de três noções sugeridas por Farías (2010):

- (a) os modos citadinos de existência (Latour 2013) ou de “estar presente”;
- (b) a proposição de que a cidade não é socialmente construída, mas “performada” (Mol 2002), noção importante para entender as ecologias heterogêneas de entidades como lugar e contexto da prática, que envolvem a performance sociotécnica que traz os 'objetos' – tais como lugares e cidades – à existência;
- (c) a concepção de lugares e cidades como “objetos” múltiplos, performados em diferentes locais e momentos que, em vez de entendidos epistemologicamente como diferentes perspectivas do “objeto”, devem ser entendidos ontologicamente, reconhecendo que as realidades múltiplas são performadas em diferentes lugares e tempos (Mol 2002). O tempo e o espaço conferem mobilidade e multiplicidade a um mesmo “objeto”, seja ele um edifício (Latour, Yaneva 2008; Guggenheim 2010), lugar ou cidade (Farías, Bender 2010; Yaneva, Zaera-Polo 2016; Blok, Farías 2016) em ação.

Ao invés de abordar aspectos e domínios dos lugares e cidades como entidades delimitadas e coesas, os CTS-TAR possibilitam abordar a multiplicidade e superposição das performances que constituem a vida urbana. E isto requer um método de análise abrangente e capaz de levar em conta os aspectos humanos e não-humanos das cidades; de examinar e mapear dispositivos, tecnologias, edifícios, lugares e espaços; de contemplar a persistência da história, do imaginário e dos elementos virtuais da vida da cidade, as políticas e os desafios de uma abordagem que incorpora múltiplos atores como cadeias híbridas de causações ou causalidades (Farías 2010).

Além de se ocupar das múltiplas escalas do 'Objeto' de estudo e da própria análise, os CTS-TAR operam como dispositivos heurísticos<sup>11</sup>, como método para formular novas

---

<sup>11</sup> Designação utilizada em reconhecimento às possibilidades de associar os CTS-TAR aos estudos urbanos, aliando a criatividade e as controvérsias na descoberta, invenção ou resolução de problemas complexos e indeterminados.

perguntas e para produzir descrições mais convincentes da vida na cidade e dos movimentos urbanos. Ao ampliar consideravelmente a cadeia da rede de causalidades, proliferando os agentes heterogêneos humanos e não-humanos sem limitar sua inscrição nas associações urbanas, os CTS-TAR oferecem um caminho possível para lidar com a complexidade característica das cidades, lugares e edifícios em ação.

As associações entre entidades urbanas produzem realidades urbanas emergentes que colidem entre si, se sobrepõem e interferem umas nas outras. Entender os lugares em ação como objetos múltiplos envolve um importante desafio para a pesquisa urbana: identificar, descrever e analisar essas múltiplas performances dos edifícios e lugares em ação e entender como elas são articuladas, ocultas, expostas, recrutadas ou descartadas. A noção latouriana de associar ou agenciar é muito útil para lembrar que não estamos seguros do significado de 'nós' (Latour 2008). E ainda que essas associações ou agenciamentos não devem ser entendidas como simples resultado do encontro ou da soma de múltiplos elementos, nem tampouco formam unidades ou totalidades. Partindo da noção de agenciamento, entendemos as urbanidades como qualidades que emergem de múltiplos processos de associações, que não preexistem nas ruas, edifícios, pessoas, mapas, etc. (Fárias 2010). A opção pelo plural urbanidades é indicativa de sua natureza múltipla e dinâmica.

Nessa perspectiva, os lugares urbanos figuram como lócus privilegiados para investigar a produção dessas múltiplas realidades, colocando como desafio adicional a compreensão de como elas se articulam de modo a compor um mundo comum. Três noções derivadas dos estudos CTS-TAR nos parecem fundamentais para essa articulação. A noção de *política ontológica* que, ao admitir a existência de múltiplas e heterogêneas realidades modeladas pelas práticas (Mol 1999), possibilita apreender os diferentes lugares que um lugar ou cidade comportam. Realidades, por vezes conflitantes, complementares ou concorrentes, que evidenciam a complexidade da vida urbana. Aqui a noção de *espacialidades múltiplas* (Law, Mol 2000; Rheingantz 2016) – e suas diferentes regras de existência – emerge como um vetor potente para pensar a performance de lugares e cidades a partir de sua interseção ou justaposição, reconhecendo as diferentes espacialidades associadas às múltiplas realidades. Por último, a noção de *cosmopolítica* (Stengers 2005, 2018) que, para além de afirmar a multiplicidade e heterogeneidade das



espacialidades que configuram os lugares urbanos, implica em um esforço no sentido de coordenar a convivência dos heterogêneos “sob o mesmo teto” (Costa et al 2018).

### **As múltiplas espacialidades e os estudos urbanos**

Assumir que a realidade é performada de modo material e localizado, impõe aos pesquisadores a tarefa de descrever as condições que que essa performance se dá, incluindo aí os diversos *actantes*<sup>12</sup> que participaram dessa performance (Law & Mol 2000). Implica também ter que lidar com a complexidade que advém de tal afirmação. Isso porque acentuar o caráter material da realidade não implica, como a princípio se poderia supor, em qualquer fixidez, pois os corpos e lugares são “objetos” sempre sujeitos a transformações (Knorr-Cetina 2001). Aceitar essa condição amplia os horizontes topológicos para além da espacialidade euclidiana, em direção a *outras espacialidades*, que se complementam, incluem, misturam e associam.

Ao lidar com a problemática das espacialidades, John Law e Annemarie Mol (2000) questionaram a “universalidade” da ciência, enunciando duas perguntas: *se a ciência não é “universal”, onde ela se localiza na terra? Em que tipo de espaço?* Rastreado os fatos científicos a partir dos laboratórios, formularam o argumento de que as descobertas e as teorias científicas são produzidas em lugares específicos. Os movimentos dos fatos, teorias e matérias-primas da ciência têm a ver com os correios, com o transporte e com a qualidade das redes de dados, o que não significa que sua difusão se resume a um problema de transporte físico. Eles precisam ser tratados como *fatos* quando chegam a seus destinos; precisam ser reconhecidos e estar equipados nos seus contextos: os próximos laboratórios, “o que significa que a *configuração dos fatos-e-contextos deve ser mantida estável*” (Law, Mol 2000: 2).

A *espacialidade euclidiana* permite pensar que os corpos e os lugares mantêm sua singularidade “em um espaço euclidiano e seu sistema de coordenadas neutro e pré-existente, que define as condições de possibilidade nas quais os objetos podem existir, exercer a identidade e a experiência de proximidade ou distância” (Law, Mol 2000: 2). Por princípio, todos os objetos e os elementos que constituem a materialidade de um lugar

---

<sup>12</sup> Como a palavra ator, no âmbito das ciências sociais, remete especialmente às entidades humanas – o que comumente se expressa no termo “ator social” – os estudos alinhados com a TAR utilizam preferencialmente o termo *actante*, emprestado da semiótica, de modo a incluir a agência ou ação dos não-humanos (Cf. Latour, 2001).

precisam ser funcionalmente mantidos no lugar. Segundo Latour e Yaneva (2008: 82), o espaço euclidiano é aquele “no qual os edifícios são desenhados no papel, mas não o ambiente no qual os edifícios são construídos – e muito menos o mundo no qual eles são vivenciados”.

Mas objetos e lugares se movem no espaço e no tempo. Na *espacialidade euclidiana*, sua posição e movimento são determinados por suas coordenadas cartesianas. Topologicamente, produzir *objetos-formas* e definir o que se entende por continuidade no seu deslocamento demanda a produção simultânea das condições espaciais de possibilidade. Mas performar continuidade e identificação, medir a distância nos termos das coordenadas cartesianas ou definir as possibilidades das condições espaciais de subsistência dos objetos, implica em *promulgar* – ou fazer existir – o espaço euclidiano. Mas a quase reificação da espacialidade euclidiana pelo senso comum – e pelos arquitetos e urbanistas – pode resultar na desconsideração do trabalho necessário para produzi-la (Law 2000), levando a uma naturalização desse sentido.

Na *espacialidade das redes* o que importa são as relacionais e as conectividades. Ela emerge quando formas e objetos estáveis e singulares, que se movem e circulam em outros tipos de veículos, configuram um conjunto estável de ligações com outras entidades. Funcionar corretamente na estrutura incerta da espacialidade de uma rede, mantendo a estabilidade e a continuidade das formas e dos objetos, demanda outra sintaxe cuja invariância depende que seus objetos e elementos façam seu trabalho: “pedir emprestado” a luz do sol, a energia elétrica, a força e a vontade dos cidadãos e incorporá-los; criar estruturas de relações que garantam que edifícios, mobiliário e equipamento urbano, vias, ventos, energia elétrica, cidadãos e outras entidades sejam funcionalmente mantidos.

A despeito do deslocamento das entidades no espaço cartesiano, é preciso que se mantenham estáveis suas posições relativas sintáticas, que concorrem para performar a coerência da cidade – e isso demanda muito esforço e trabalho, daí a importância de se compreender como viajam as máquinas e as maquinações. Por exemplo, os ônibus movendo-se nos trajetos urbanos configuram uma rede de dupla produção, ou “móvel imutável” (Latour 2000) – aquilo que se move mantendo sua forma imutável pertence ao espaço de rede ou sintático – cuja mobilidade se torna possível pela imutabilidade da rede. O móvel imutável lida com duas espacialidades interligadas: a *euclidiana*, na qual o

ônibus permanece imóvel em um ponto de parada, ou se move quando vai em direção a outro ponto de parada; e a *da rede*, em relação à qual ele permanece imutável, mesmo quando se move. Como seus diversos componentes prendem-se uns aos outros em seus lugares, os ônibus formam redes invariáveis, materialmente heterogêneas e imutáveis. Uma grande rede (com suas vias, pontos de parada, quebra-molas, sinalização, semáforos, sol, ventos, nuvens, estrelas, passageiros, motoristas, cobradores, técnicos de trânsito e transporte e seus empresários) implica um *espaço de rede* que possibilite a mobilidade imutável de um objeto – como um ônibus urbano circulando na cidade. Se durante o deslocamento, por algum imprevisto, for necessário trocar um ou mais componentes do ônibus, ele se transforma em um *móvel mutável*.

*A espacialidade fluida* surge como outra possibilidade para imaginar o global, pois ideias, fatos, informações e tecnologias podem se espalhar com maior ou menor fluidez. A fluidez tem a ver com coisas adaptáveis, que mudam de forma e assumem o formato de seus contextos, como os hotéis de uma rede internacional que se espalha pelo mundo. Nela nada é fixo: cada unidade muda de forma conforme o lugar, a região e a cultura; alguns componentes quebram e são substituídos; outros inicialmente não previstos são adicionados. A variação das configurações das unidades de uma rede de hotéis a transforma em um *móvel mutável*: em lugares distintos, o hotel é o “mesmo objeto” e um “objeto diferente”. Uma rede de hotéis muda de forma no espaço euclidiano e opera diferente em cada lugar onde é implantada (Law, Mol 2000). Essa característica variável na forma e no conteúdo permite que se “mova” para tantos lugares no mundo, mesmo não sendo uma forma invariável na rede ou no espaço euclidiano. Mas muita atenção, porque a mutabilidade também se estende para o uso de cada unidade, para os serviços e as acomodações ofertadas – a qualidade e a pureza da água variam de uma região para outra –, mas não para sua “materialidade”, o que torna cada unidade um *imóvel mutável*. Em alguns, a água distribuída atende a critérios internacionais; em outros, não. Idem com os sistemas de coleta e tratamento de esgoto, de ar-condicionado, com a qualidade, estabilidade e regularidade de fornecimento de energia elétrica, TV a cabo e Internet. São serviços e sistemas que dependem das condições locais de oferta, dos cuidados de manutenção, da qualidade, do esforço de trabalho, das políticas locais, regionais, nacionais e internacionais de economia e turismo. Trata-se de uma *espacialidade fluida* com outro tipo de invariância da forma: são as conexões que fazem uma forma invariável de fluido mudar gradual e incrementalmente. A adaptação, instalação, gestão e

manutenção gradual das unidades em uso permite que cada uma continue operando sem grandes pausas ou interrupções, garantindo a *invariância da forma*. Ela é fixada por um deslocamento que resiste à ruptura e se mantém constante durante algum tempo. Em lugar de impor projetos rígidos, os projetistas e os gestores das unidades do hotel precisam conviver com sua variabilidade. As alterações introduzidas na instalação e na operação de cada unidade indicam que projetistas e gestores também performam com a fluidez de uma espacialidade cujo interior mantém certa constância de forma.

Para pensar o global, Law & Mol (2000) propõem ainda a *espacialidade do fogo* – onde a continuidade depende da descontinuidade e a presença depende da ausência – cuja topologia tem a ver com “formas estáveis criadas em padrões de relações de alteridade conjunta” (Law, Mol 2000: 8), segundo três atributos de constância da forma ou continuidade: (a) como um efeito da *descontinuidade*; (b) pela *presença e ausência de alteridade*; e, para casos específicos, (c) como o padrão de diversidade simultânea de ausência e presença do brilho de uma *estrela*.

Como a performance é uma associação complexa entre o que está presente em um projeto urbano e o que não está, o problema não se limita a lidar com uma parte materialmente heterogênea da rede. Existe uma irreduzível *descontinuidade* entre o que está ou não está no papel, e que não se pode perder de vista. Na rede de relações do projeto impresso elaborado por um grupo de profissionais em um escritório, não existe espaço para acidentes, desabamentos ou interdições, que podem ser pensados como *interrupções* ou *lapsos* entre presença-ausência e ausência-presença. Na lista de *outros* associados que estão ausentes (da folha de papel) e presentes (eles têm que estar lá), muitas entidades são incluídas ao longo do processo, de modo que a estabilidade emerge da continuada performance das descontinuidades (que, por essa peculiaridade, também podem ser entendidas como continuidades) com esses *outros* materiais e contextos. Isso se aplica aos componentes e ao todo, que toma a forma de um *padrão de brilho estelar*. Várias alteridades são associadas a uma presença central. Existe uma ida e uma volta. As entidades e os mundos irreduzíveis em que estão localizados são mantidos juntos – e para além –, enquanto a forma fogo se mantém no lugar.

Law & Mol (2000) ressaltam que nem todas essas espacialidades estão necessariamente presentes nas configurações dos lugares e cidades, deixando inclusive em aberto a possibilidade de performance de outras espacialidades, a partir de outras realidades locais

e situadas. Mas como não basta apenas afirmar a multiplicidade das espacialidades nem é suficiente apenas descrever a heterogeneidade dos lugares e cidades, também é preciso enfatizar a *proposição cosmopolítica* (Stengers 2018), que aponta para o trabalho de articulação de disputas entre as versões promulgadas, impedindo a exclusão a priori de quem conta e quem não conta na produção da vida urbana e na composição de um mundo comum.

No âmbito deste artigo – que toma como lugar de visibilidade a Rua Pires de Almeida – além das espacialidades Fluida e do Fogo (Law, Mol 2000), exploramos duas outras, espacialidades: *Ambiência* e *Urbanidade-Desurbanidade*. Por entender que a espacialidade Euclidiana já está contemplada nos estudos urbanos, nos limitaremos a descrever alguns de seus elementos quando apresentarmos a contextualização da Rua Pires de Almeida.

### **Rua Pires de Almeida: as múltiplas espacialidades de um lugar em ação**

A escolha da Rua Pires de Almeida como 'objeto' de estudo foi motivada por sua reconhecida qualidade urbana ou *urbanidade* (Rheingantz 2012) associada com nosso interesse em explorar sua constituição enquanto um lugar em ação, que *performa* múltiplas realidades ou espacialidades superpostas. Como o processo de escrita não é isento de conflitos, onde fazemos existir certos mundos enquanto apagamos outros (Bonamigo 2016), o relato a seguir deve entendido como "um lugar para testes, experimentos e transformações" (Latour 2006: 217).

Situado no bairro de Laranjeiras<sup>13</sup>, na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, o Jardim Sul América – nome original do conjunto da Rua Pires de Almeida, Praça Múcio Leitão (Fig. 2) e seus vinte e três edifícios em estilo *art déco* – foi construído na década de 1920 para abrigar os funcionários da Sul América Companhia Nacional de Seguros de Vida em um terreno de quinze mil metros quadrados. Suas 158 unidades de 1 a 4 quartos se destinavam a abrigar desde os diretores até os serventes da empresa. Em 1956, a empresa parcelou o terreno e colocou os imóveis à venda, oferecendo-os aos locatários. Algumas famílias destes locatários continuam residindo no local.

---

<sup>13</sup> Bairro originalmente atravessado pelo Rio Carioca com suas águas cristalinas – hoje canalizado –, o Vale das Laranjeiras se situava na transição entre a floresta tropical da Serra do Mar e o litoral, na área de segurança em torno do núcleo urbano que se formava, as origens de sua ocupação se relacionam com o abastecimento de água da cidade e a fertilidade do seu solo.

A implantação e ocupação em três setores diferentes do lote (Fig. 2) e a distribuição interna dos edifícios buscavam refletir a hierarquia dos seus habitantes: os quatro edifícios com seis pavimentos mais próximos da rua das Laranjeiras, dotados de sacadas de ferro, entradas com mármore, elevadores e apartamentos de quatro quartos, destinavam-se aos funcionários mais graduados (Fig. 3).<sup>14</sup>



Figura 2 - Setores da Rua Pires de Almeida  
Fonte:edição s/cadastral Folha 287C –  
acervo Instituto Pereira Passos (s/d)

Os seis edifícios da Praça Múcio Leitão, com quatro pavimentos e apartamentos de três quartos, destinavam-se aos chefes de departamentos (Fig. 5); na parte final da rua em cul-de-sac em suave aclive, se enfileiram treze edifícios de três pavimentos, com apartamentos de um, dois e três quartos, destinavam-se aos demais funcionários (Fig. 4).



Figura 3 – Edifícios do setor A (6 pavimentos)  
Fonte: Autores (2010)



Figura 4 – Edifícios do setor C 34 pavimentos)  
Fonte:Autores (2010)

<sup>14</sup> A concepção dos apartamentos também reflete a forte hierarquia social, com a localização das dependências de serviço no último pavimento.



Figura 5 – Edifícios do setor B (4 pavimentos) e praça Múcio Leitão  
 Fonte: Autores (2010)

Nos edifícios do setor “A”, os terraços ocupavam toda a cobertura e dispunham de uma lavanderia coletiva. Nos edifícios dos setores “B” e “C” as dependências de empregados eram recuadas e circundadas por terraços. Nos fundos dos edifícios do setor B, foram previstas duas áreas descobertas para estacionamento e carga e descarga. No centro do conjunto, uma praça com 2 ilhas (Fig. 6).

Essa breve contextualização do objeto de estudo descreve algumas características da *Espacialidade Euclidiana* que, por já estar incorporada aos estudos urbanos, não será expandida. A seguir, apresentamos nossa descrição encarnada de duas das espacialidades descritas por Law e Mol (2000) – a *Espacialidade Fluida* e a *Espacialidade do Fogo* – além de explorarmos a riqueza e contribuição de outras espacialidades menos conhecidas dos estudos urbanos: *Ambiência* e *Urbanidade-Desurbanidade*. Vale ressaltar que não pretendemos com isso esgotar todas as espacialidades possíveis, pois outras poderiam ser descritas.



Fig. 6- Planta geral do conjunto em 1927  
 Finte: Autores (2011)

## *Ambiência*

Na perspectiva CTS-TAR, ambiência é uma qualidade instável e dinâmica, resultante das performances situadas envolvendo múltiplas ontologias, espacialidades e sentimentos que oscilam entre bem-estar e mal-estar: imageabilidade (Lynch 1960), segurança, acolhimento, sinestesia, acessibilidade, conforto aeróbico auditivo, visual, tátil, circulação interna, serviços, forma, proporção, configuração, beleza, harmonia e outros mais. Seu entendimento e descrição são dependentes dos recursos próprios do analista e afetados por sua visão de mundo (Akrich, Callon, Latour 2006).

E nossos corpos atuam como mediadores dessas performances situadas. Segundo Latour (2004), quanto maior o número de mediações a que um corpo é submetido, mais ele se torna “afetado” e sensível aos efeitos das diferentes entidades implicadas: podemos ter como exemplo os movimentos de diversidade de gênero, que traduzem, ao mesmo tempo que configuram a liberdade do corpo em seus diferentes modos de existir. Como suporte para as atividades externas, o ambiente urbano deve ser o mais agradável e acolhedor. Na Rua Pires de Almeida, em função de sua organização espacial, (a) os espaços do conjunto se integram à trama urbana existente; (b) os espaços são agradáveis e acolhedores; (c) a relação entre as pessoas e os espaços confere um sentido de identidade ao ambiente.

A morfologia urbana, a presença de janelas a partir do térreo, a inexistência de elementos ostensivos de proteção e os baixos índices de criminalidade sugerem segurança e acolhimento. Sua ambiência – especialmente a praça, que opera como ponto nodal de circulação e congregação comunitária – remete às cidades da primeira metade do século XX. As dimensões da praça e da rua possibilitam aos moradores e frequentadores visualizar as feições das pessoas ou animais que estejam na praça ou dela se aproximem, configurando um ambiente protegido, vigiado ou até mesmo privativo.<sup>15</sup> (Fig. 7)

As dimensões e a configuração da praça – um recinto fechado e protegido pelos edifícios e suas muitas janelas, inclusive no térreo – conferem sensação de acolhimento e apropriação por pequenos grupos de pessoas (Jacobs 1961). A praça também contribui para a identificação da vizinhança com o contexto e com as ações dos frequentadores. Nela é possível visualizar as feições e ouvir a voz de qualquer outra, aumentando a

---

<sup>15</sup> As relações de altura e largura do conjunto rua-edifícios foram detalhadas por Rheingantz, Alcantara e Barbosa (2009).



sensação de segurança (Ashihara 1982; Alexander et al 1977). A relação entre a altura dos edifícios e o ângulo de visão vertical também são favoráveis: a altura dos edifícios não ultrapassa 2/3 do campo visual superior garante a integração entre conjunto, paisagem de fundo e céu (Fig. 13) (Ashihara 1982). A posição torna a praça marco referencial do conjunto (Lynch, 1960) e centro das atividades cotidianas que se sobrepõem ao longo do dia: pelas crianças e suas atividades lúdicas; pelos mais velhos, que conversam, descansam ou contemplam o lugar; pelos inúmeros cachorros trazidos por seus donos; e pelos adolescentes e jovens que, à tarde ou à noite, interagem em animados (e ruidosos) encontros à meia-luz. O "teto verde" formado pelas copas das árvores produz um microclima ameno e uma sensação de frescor e acolhimento (Fig. 7).

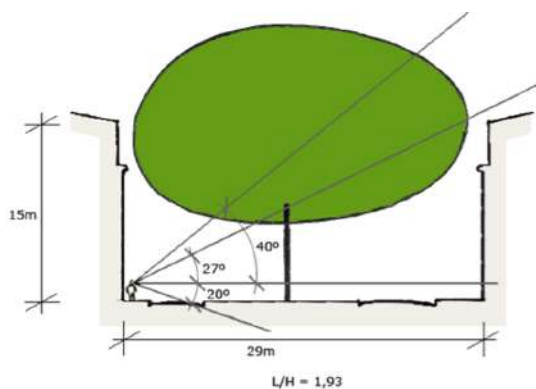


Figura 7 – Corte transversal da praça, com ângulo visual (Ashihara 1982).  
Fonte: Autores (2012)

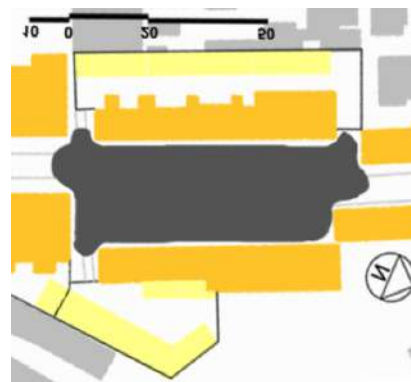


Figura 8 – Grau de fechamento do envoltório da praça.  
Fonte: Autores (2012)

Com relação aos tipos de fechamento, a praça delimitada por um conjunto de edifícios pode ser considerada uma variação menos rígida de um *pátio comunitário* ou de uma grande habitação e simboliza um lugar de repouso visualmente estático, mas com relativa dinâmica assegurada pela presença de pessoas nas janelas e sacadas (Fig. 8). Diferentemente da sensação de movimento de uma rua tradicional, a Pires de Almeida produz sensação de calma e acolhimento físico e visual.

### ***Espacialidade Fluida***

Nesta espacialidade mapeamos as transformações produzidas na praça, nas áreas livres, nos edifícios e apartamentos do coletivo Rua Pires de Almeida, que nos permitem considerá-los *imóveis mutáveis* – designação utilizada por Michael Guggenheim (2010) para indicar que os usos dos edifícios diferem dos usos da maioria dos demais objetos: eles ocupam um local fixo mas são singulares, pois ligam sua estabilidade local e sua

abertura aos ocupantes, o que os torna mutáveis. Entendemos que edifícios, lugares urbanos e cidades também são imóveis mutáveis. Partes que antes eram consideradas necessárias para que o todo operasse são modificadas, trocadas, descartadas ou simplesmente ignoradas nas interações – que costumam ser qualificadas como *uso*, retirando qualquer possibilidade de protagonismo por parte do ambiente construído. Por serem localmente estáveis e conectados a contextos em mudança, edifícios, lugares urbanos e cidades possibilitam interações muito específicas. Cada edifício, lugar urbano e cidade performa uma biografia que os torna distintos.

O conjunto da Rua Pires de Almeida foi construído para a companhia Sul América Companhia Nacional de Seguros de Vida abrigar seus funcionários. Entre sua inauguração (1928) e o parcelamento e venda dos apartamentos (1956), o conjunto foi administrado em forma de condomínio pela empresa proprietária.

Na década de 1940 foi construído um depósito para material de manutenção e um banheiro para os funcionários do condomínio, junto da divisa oeste, entre os setores "A" e "B". As áreas livres nos fundos dos edifícios do setor "B" eram utilizadas como estacionamento dos veículos dos funcionários mais graduados e as atividades de lavagem e secagem de roupas eram realizadas nos terraços dos edifícios (Fig. 9). A praça limitava-se a duas ilhas com vegetação e todos os espaços livres de edificação eram coletivos. Nesse período os edifícios e a rua não sofreram alterações visíveis. Na medida em que surgiam os problemas naturais de desgaste ou quebra de componentes, as redes de infraestrutura e instalações eram modificadas.



Figura 9 - Estacionamento construído na divisa Leste. Fonte: Autores (2009)



Figura 10 – Garagem construída na divisa oeste. Fonte: Autores (2009)

Com o parcelamento do terreno e a venda dos apartamentos, foram necessários ajustes e modificações nas áreas livres que foram muradas e incorporadas aos lotes. Entre 1956 e 1957 – coincidindo com a implantação da indústria automobilística no Brasil – nos fundos dos lotes da praça (setor "B") foram construídos um telheiro para estacionamento (divisa leste) e garagens (divisa oeste) (Figs. 10 e 11). Os proprietários dos outros edifícios que tinham automóveis utilizavam a rua como estacionamento.

Nos fundos dos edifícios do setor "A" foram construídos acréscimos incorporando áreas de serviços privativas nos apartamentos. Em três deles foram construídos acréscimos encostando nas dividas dos lotes. Essas obras não seguiram o padrão nem a estética original dos edifícios (Fig. 11).



Figura 11 - Planta geral do conjunto em 2011  
Fonte: Autores (2011)

A praça também sofreu alterações. Na década de 1960 seu traçado foi modificado com a unificação das duas “ilhas” (Fig. 11). Nos anos 1980, a praça foi cercada por uma cerca de ferro, para impedir que os cachorros continuassem a utilizá-la como sanitário.

Nas décadas de 1970 e 1980, os terraços de cobertura dos edifícios dos setores “B” e “C” começaram a ser ocupados, fechados e cobertos com telhas de fibrocimento e janelas de diferentes tipos e tamanhos (figs. 12, 13 e 14).

Quando são vendidos, reformados ou entram em manutenção, a maior parte das modificações dos apartamentos tem sido concebida de dentro para fora. A dinâmica das intervenções – especialmente nas fachadas dos fundos – resulta em uma aparência arbitrária que interfere na harmonia do conjunto, na composição e os detalhes do revestimento externo das fachadas (Figs. 12 e 13). Aparelhos de ar condicionado

proliferam aleatoriamente nas fachadas, sem qualquer preocupação com a concepção ou com a integridade dos elementos decorativos. Entre os moradores mais preocupados com a preservação da integridade do conjunto, aumenta a sensação de desurbanidade, enquanto outros buscam sempre fazer prevalecer seus interesses individuais.



Figura 12 – Acréscimo no terraço de edifício da Praça Mucio Leitão (Setor "B")  
Fonte: Autores (2010)



Figura 13 – Descaracterização das fachadas dos fundos de edifício da Praça Mucio Leitão (Setor "B")  
Fonte: Autores (2010)

Para evitar a ocupação da praça como dormitório ou motel e sanitário por mendigos ou como "escritório" por traficantes, no início dos anos 1990 foi instalada uma cancela com guarita (1994) no acesso junto à rua das Laranjeiras.



Figura 14 - Roupas penduradas nas janelas  
Fonte: Autores (2011)



Figura 15 – Sacola pendurada p colocar jornal e Ar-condicionado  
Fonte: Autores (2011)

No setor "C", as fachadas também apresentam sinais visíveis intervenções que não conversam com a estética original dos edifícios, sendo a mais comum a colocação de azulejos decorados ao redor das portas de acesso.

Os moradores de alguns apartamentos utilizam suas janelas para pendurarem roupas (Fig. 14). Essa relação pode demonstrar intimidade e proximidade, relação público-privado com o lugar ou otimizar a presença-ausência do sol. Outra ação de improviso criativo é o sistema de entrega de jornais nos andares superiores dos edifícios dos setores "B" e "C", que não têm porteiros: pela manhã alguns moradores deixam uma corda com um saco plástico na ponta para o jornaleiro colocar os jornais e instalação dos ar condicionados compromete a composição das fachadas (Fig. 15)

O *cul-de-sac* do final da rua também vem passando por mudanças de uso: inicialmente, como simples local de manobra e retorno dos veículos, em meados dos anos 1950 foram instaladas goleiras para jogar futebol, atualmente é utilizado como estacionamento de veículos.

Como a espacialidade fluída incorpora a adaptabilidade das coisas, as modificações e adaptações relacionadas com as demandas dos moradores e frequentadores da rua Pires de Almeida – tais como aumento no número de veículos, instalação da cancela com guarita e de aparelhos de ar-condicionado – sugerem a prevalência dos interesses individuais aos coletivos. É um movimento que se produz “na constante transformação e afetação dos seus estados, ora se solidificando e encontrando consensos para as controvérsias ora se liquefazendo, dissolvendo seus acordos e entrando em disputas e embates” (Pedro et al, 2017, 58).

As adaptações da espacialidade fluída são reforçadas pelos *imóveis mutáveis* (Gugenheim (2010: 5) que diferenciam os edifícios e lugares dos demais objetos e tecnologias cujo uso se difere em dois aspectos: ocupam um local fixo e são singulares. Os edifícios e lugares são expostos a diversos grupos de usuários. Sua localização fixa possibilita múltiplas interpretações e, inevitavelmente, os situa em seus contextos locais. Mas, diferentemente dos organismos biológicos, a singularidade dos edifícios e lugares não pode ser padronizada mas vincula sua estabilidade local às demandas de seus ocupantes e produz a espacialidade fluída ou mutável: partes que antes eram consideradas necessárias para que o todo operasse são trocadas, descartadas ou simplesmente ignoradas nas performances.

### ***Espacialidade do Fogo***

Enquanto a espacialidade fluída lida com a adaptabilidade e com a mudança gradual, a espacialidade do fogo lida com os movimentos abruptos e descontínuos de presença e



ausência (Law, Mol 2000). “O fogo é uma metáfora para pensar sobre a dependência daquilo que não pode ser feito presente - o que é ausente – naquilo que é, de fato, presente” (Law; Mol 2000: 7). E a rua Pires de Almeida também *performa eventos descontínuos ou episódicos*, típicos da espacialidade do fogo:

Até sofrer um desfalque em 2005, a Associação de Moradores da Rua Pires de Almeida (AMPA) atuava para que as concessionárias e órgãos públicos mantivessem os serviços e equipamentos urbanos em boas condições. Contra a omissão das autoridades públicas, colocava faixas nas proximidades da esquina com a rua das Laranjeiras. Na praça eram frequentes os avisos para os acompanhantes recolherem as fezes de seus cachorros, muitas vezes "esquecidas" nas calçadas e ruas (Fig. 16).

As procissões religiosas de Nossa senhora Aparecida e de São Judas Tadeu – patrono dos bairros de Cosme Velho e Laranjeiras (Fig. 17) e os passeios de ciclistas, que ocorrem pelo menos duas vezes ao ano, também são eventos episódicos, assim como a fiscalização da Prefeitura e das concessionárias de serviços públicos: inflexível e intransigente com os moradores interessados tentam regularizar obras de manutenção, costuma fazer vista grossa para quem desfigura os edifícios e ocupa os terraços com construções.

Também são episódicas as medidas de proteção com preservação de edifícios e ambientes iniciadas em meados dos anos 80, quando o conjunto já se encontrava bastante descaracterizado. Em 1986 o município tomba os quatro edifícios do setor "A". Em 1987, o conjunto edifícios-rua-praça foi considerado Área de Preservação Ambiental e em 1991, foi transformado em área de preservação. Apesar da necessidade de aprovação de licença ou de projeto nos serviços de manutenção e modificação, as obras irregulares seguem sendo realizadas pelos moradores e pelas concessionárias de serviços públicos.



Figura 16 - Faixa sobre as fezes dos cachorros  
Autores (2009)



Figura 17 – Procissão de São Judas Tadeu  
. Fonte: Autores (2009)

A poda das árvores, a limpeza pública e a manutenção da praça também são episódicas e em geral acontecem depois de muita pressão de agentes políticos. Elas se intensificam nos períodos pré-eleitorais. O assoreamento do solo e a manutenção dos equipamentos da praça, que seguidamente ficam expostos e colocam em risco a integridade de quem frequenta a praça, também são episódicos.

### ***Urbanidade-Desurbanidade***

Segundo os dicionários, *urbanidade* significa morada na cidade, qualidade ou condição de ser urbano; civilidade, cortesia, afabilidade, boas maneiras, delicadeza. Por antonimia, *desurbanidade* significa morada rural, rústica, inurbana; incivilidade, descortesia, aspereza, grosseria, arrogância, brutalidade, desatenção, grosseria, impolidez, rispidez, rudeza, desconsideração. Na perspectiva da CTS-TAR, o entendimento de Urbanidade-Desurbanidade se distancia dos conceitos usualmente utilizados para interpretá-la, na medida em que estes "congelam" traduções, tornando-se rígidos ou limitados demais para expressar a dinâmica das tensões entre os opostos *urbanidade-desurbanidade*. Por se tratar de uma espacialidade que emerge a partir das associações entre diferentes atores, optamos por tratá-la como uma narrativa descrita a partir de um conjunto heterogêneo, dinâmico e indissociável de relações entre diferentes atores.

No caso da Rua Pires de Almeida, os CTS-TAR é possível associar as tensões entre os opostos *urbanidade-desurbanidade* que performaram as relações envolvendo rua, praça, edifícios, veículos, animais, pessoas, etc..

As transformações nas relações de convivência contribuem para a produção desta espacialidade, especialmente a partir de meados dos anos 1970, quando aumenta a troca de moradores na rua. Até então, a maior parte dos os moradores humanos se conhecia e convivia com relativa paz e harmonia. A vida local era tranquila, com poucos automóveis e com a presença de idosos e de crianças brincando na rua e na praça. À tardinha, os adolescentes costumavam se reunir na praça em animadas conversas, que algumas vezes se estendiam até tarde da noite. As reuniões de adolescentes seguem acontecendo, mas agora mais ruidosas mesmo às altas horas da noite. Os alunos da escola de artes, que fica próxima e funciona à noite, costumam estacionar seus veículos na rua e, terminadas as aulas, por volta de 23 horas, voltam cheios de adrenalina conversando animadamente em voz alta.

São também actantes importantes os veículos que circulam e estacionam na rua. A largura reduzida da rua, as poucas vagas de estacionamento e de garagem, associadas com a crescente valorização simbólica dos automóveis, que vão progressivamente aumentando em número e ocupando as calçadas, tudo isso faz com que os pedestres – idosos, carrinhos com bebês e de feira – passem a ter que circular pela rua (Figs18 e 19). Para impedir o estacionamento nas calçadas, os moradores de alguns edifícios colocam vasos com plantas nas calçadas, que também impedem os pedestres de utilizá-las. Urbanidade para uns poucos e desurbanidade para os demais, que se vêem obrigados a circular pela rua.



Figura 18 - Carros na Calçada, Pedestre na Rua  
Fonte: Autores (2011)



Figura 19 - Carros e Vasos na Calçada  
Fonte: Autores (2008)

O problema com os veículos vem se agravando com a crescente migração de empresas para as imediações – uma academia de ginástica, uma escola de formação de artistas, uma casa de festas e um restaurante. Seus clientes e funcionários, sempre que possível, preferem estacionar seus carros na Pires de Almeida, reduzindo as vagas dos moradores que não dispõem de garagem. Há alguns anos um vigia da guarita foi demitido depois de se descobrir que estava reservando e cobrando estacionamento para clientes do restaurante. A cancela, a guarita e o vigia também têm gerado acalorados debates. Localizada na entrada da rua, apenas os moradores dos edifícios do setor "A" pagam o salário dos vigias. Os outros moradores não contribuem, argumentando que o vigia cuida apenas dos edifícios do setor "A". Mesmo estando desativada a guarita segue mantida no local, a fim de sinalizar aos visitantes que a rua é vigiada.

Com o aumento da insegurança na cidade, alguns moradores tentam sem sucesso transformar a rua em um condomínio fechado. Nas assembleias, sempre realizadas à noite na praça, as discussões pró e contra costumam ser acaloradas. Basicamente, a rua e a praça seguem públicas em função do receio da maioria dos moradores com a complexidade e o custo da manutenção das redes de infraestrutura internas, que também



seria privatizada. Essas discussões evidenciam a tensão entre aqueles que preferem fechar a rua e aqueles que a preferem pública e aberta.

Recentemente, cumprindo decisão da assembleia de moradores e preocupado com os veículos que estacionavam na calçada lateral do edifício, em frente à praça, o síndico colocou grandes vasos de plantas na calçada, eliminando quatro "vagas". A contrariedade foi grande, inclusive por parte de moradores do edifício que não compareceram à assembleia, mais preocupados com seus automóveis do que com a preservação das calçadas, com a livre circulação de pessoas e com a qualidade do ar respirado pelos moradores do apartamento térreo, poluído pelos gases produzidos pelos veículos durante as manobras para estacionar ou sair. Outro conflito na espacialidade urbanidade-desurbanidade.

Os actantes animais – alguns deles habitam o local muito antes da chegada dos humanos – tem uma contribuição ativa e controversa para a urbanidade-desurbanidade local. Os mais assíduos e atuantes são os insetos, pássaros, micos, morcegos e cachorros. Chama a atenção a densidade de ruidosos atores caninos, moradores e visitantes que utilizam a rua e a praça como sanitário. Segundo seus acompanhantes, eles “preferem” fazer suas necessidades em ambientes calmos. Mas alguns acompanhantes mais distraídos costumam se esquecer de retirar das ruas e calçadas as “lembranças” deixadas pelos animais, que acabam aderindo às solas dos sapatos de pessoas desatentas.

A proximidade com a mata assim como as amendoeiras da praça atraem diversos tipos de pássaros coloridos que alegam as manhãs com seu canto, especialmente durante a primavera e o verão. No terraço de um dos edifícios, durante anos uma ruidosa maritaca em cativeiro – espécie de papagaio pequeno e ruidoso – incomodou a vizinhança. Para felicidade e tranquilidade dos outros moradores e infelicidade da família que a mantinha presa, depois de muita reclamação, o animal foi doado.

O sentimento de urbanidade dos insetos configura-se como desurbanidade para os moradores humanos. Além dos mosquitos – que nas estações quentes e úmidas respondem por frequentes casos de dengue em humanos – os marimbondos costumam fazer suas moradas nas árvores da praça e nos beirais dos telhados dos edifícios. Nas estações quentes eles costumam entrar nos apartamentos, causando preocupação nos moradores humanos. Outros atores assíduos são os micos e os morcegos. Estes, no final das tardes e início das noites mais quentes, realizam movimentados vôos rasantes que

lembram as esquadrilhas de aviões dos filmes da Segunda Guerra Mundial. As frequentes “incursões” nas cozinhas dos apartamentos em busca de alimentos provocam sustos e mal estar entre os moradores humanos, que não compartilham do mesmo sentimento de urbanidade dos morcegos. Os cachorros visitantes, os insetos e os morcegos evidenciam as tensões indissociáveis entre urbanidade-desurbanidade. As “lembranças” sólidas ou líquidas deixadas pelos cachorros e as incursões dos morcegos pelas cozinhas são controversos, uma vez que suas ações, que podem ser consideradas desejáveis e “civilizadas” entre seus pares, não são muito apreciadas pelos moradores

As reuniões diárias e matutinas de crianças, acompanhantes, idosos e cachorros na praça, as festas de aniversário de crianças – nem sempre moradoras – nos finais de semana (Fig. 20) e a rua enfeitada para festas ou grandes eventos – festas juninas (Fig. 21), Copa do Mundo, eleições – reforçam a impressão de acolhimento do lugar.



Figura 20 – Festa de aniversário na praça  
Fonte: Autores (2005)



Figura 21 – Festa Junina na praça (2005)  
Fonte: Autores (2005)

Outro evento desta espacialidade está relacionado com o que Israel Giralt, Daniel Gómez e Noel López (2010) denominam *soundspheres*: uma ontologia sonora do espaço urbano, das sonoridades das ações políticas e o (re)pensar a natureza e o significado da experiência urbana. Os autores sugerem que se convoque e se aprenda a sentir e a entender os efeitos dos sons na experiência urbana e nas experiências relacionais vivenciadas nos lugares que habitamos.

Por não ser tão seletiva quando a visão, as *soundspheres* têm um papel importante na Pires de Almeida. Todos os sons que configuram as diversas paisagens sonoras que são performadas na praça ou nas imediações são ouvidos pelos moradores e frequentadores. Sejam os sons das crianças brincando ou das conversas dos adolescentes, os ruídos dos veículos que circulam, dos pássaros cantando, dos cachorros latindo, do vento e da chuva

farfalhando as folhas das árvores, até as ruidosas festas que acontecem na praça, em geral nas tardes dos finais de semana, ou numa casa de festas situada ao norte, em uma rua existente na encosta do morro São Judas Tadeu. Ali, em diversos finais de semana acontecem festas com músicas ruidosas que duram até altas horas da madrugada, cujo som se propaga em direção ao vale. Enquanto uns poucos frequentadores se divertem ruidosamente, os muitos moradores sofrem para dormir, se é que o conseguem. Assim como o pulsar das estrelas, essas festas costumam acontecer independentemente da vontade ou da ação dos moradores .

O entrelaçamento de todas essas narrativas evidencia um sentido dinâmico de urbanidade, que não apenas mantém a tensão com o polo desurbanidade, mas sobretudo aponta para os hibridismos que se desdobram entre eles.

### **Considerações Finais**

Neste artigo exploramos algumas conexões possíveis entre CTS-TAR-EU exemplificadas na materialidade da Rua Pires de Almeida, formulando uma ontologia alternativa para esses “objetos” desordenados e evasivos que são os *lugares* (Fárias 2010) *em ação* e seus modos de “estar presente” (Fárias & Bender 2010).

Neste percurso, seguimos alguns princípios orientadores: os *lugares* são *performados* ou trazidos à existência (Mol 2002) nas redes de objetos, materialidades, tecnologias, natureza, organismos e seres humanos (Fárias 2010): compreendemos a *urbanidade* como uma qualidade não preexistente nos lugares, ruas, edifícios, etc. possuindo características *singulares* – têm localização e forma estável – e podendo acolher *diferentes usos*, transformando-se em outro tipo de construção com relativa facilidade.

Através da crítica do “realismo euro-americano” (Latour 2000; Law 2004) da existência de uma realidade única ou de um *mundo lá fora* a ser desvelado por uma *mente aqui dentro* aliada à necessidade de subverter esse realismo e de entender social como um modo de ordenar coisas heterogêneas, adotamos a perspectiva CTS-TAR de múltiplas realidades que não são dadas, mas performadas nas práticas cotidianas: essa emergência de fase "performativa" demanda outras estratégias metodológicas que possibilitem lidar com o passageiro, o distribuído, o múltiplo, o não causal, o caótico, o complexo (Law 2004).

Cada uma dessas performances amplia os horizontes topológicos para além da espacialidade euclidiana, em direção a *outras espacialidades*, que se complementam, incluem, misturam e associam.

Ao tomar como lugar de visibilidade a Rua Pires de Almeida – além das espacialidades Fluida e do Fogo (Law, Mol 2000), exploramos duas outras espacialidades: *Ambiência* e *Urbanidade-Desurbanidade*. Acreditamos que a realização de exercícios cartográficos locais e situados, articulando atores humanos e não-humanos, tais como o aqui proposto, pode contribuir para evidenciar a ontologia múltipla de nossos “objetos” de pesquisa que são os lugares e cidades em ação.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001- e por bolsa de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

### **Referências**

- Aguiar, D.; Netto, V. M. (Orgs.) *Urbanidades..* Rio de Janeiro: Folio Digital; Letra e Imagem, 2012.
- Akrich, M; Callon, M; Latour, B. (2006) *Sociologie de la traduction: textes fondateurs*. Paris: Presses de Mines.
- Alexander, C.; Ishikawa, S.; Silverstein, M. (1977) *A Pattern Language – Towns – Buildings – Construction*. New York: Oxford University Press.
- Amin, A; Thrift, N. (2002) *Cities: Reimagining the Urban*. Cambridge: Polity Press.
- Amin, A. (2008) *Collective culture and urban public space*. *City: analysis of urban trends, culture, theory, policy, action* 12 (1): p.5-24.
- Ashihara, Y. (1982) *El diseño de espacios exteriores*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Bijker, W. E. (1995) *Of bicycles, bakelites and bulbs: towards a theory of sociotechnical change*, *Inside Technology*, Cambridge: MIT Press
- Blok, A.; Farías, I. (Eds) *Urban Cosmopolitics*. New York: Routledge,
- Bonamigo, I. (2016) *O texto científico como laboratório de fabricação de mundos*. *Polis e Psique* 6 (1): p.149-161.
- Brenner, Neil , Madden, David J. and Wachsmuth, David (2011) *Assemblage urbanism and the challenges of critical urban theory*, *City*, 15: 2, p.225-240
- Costa, R., Pedro, R., Azevedo, G., Guggenheim, M. (2018) *Under The Same Roof: How biomedical research buildings deal with cohabitation of heterogeneities*. [unpublished article]
- DeLanda, M. (2016). *Assemblage Theory (First)*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- Fallan, K. (2008). *Architecture in action: Traveling with actor-network theory in the land of architectural research*. In *Architectural Theory Review*, 13(1) p.80-96.

- Fariás, I. (2010). Introduction: decentring the object of urban studies. In I. Fariás & Bender. *Urban Assemblages – How Actor-Netowirk Theory Changes Urban Studies* (1-24). Londres, New York: Routledge.
- Fariás, I., & Bender, T. (Eds.) (2010). *Urban Assemblages – How Actor-Netowirk Theory Changes Urban Studies*. Londres, New York: Routledge.
- Fariás, I.; Blok, A. (2016) Introducing urban cosmopolitics: Multiplicity and the search for a common world, In. Blok, A.; Fariás, I. (Eds) *Urban Cosmopolitics*. New York: Routledge, p.1- 22.
- Frampton, K. (2000) *História crítica da Arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giralt, I; Gómez, D.; López, N. (2010) Conviction and commotion: on soudspheres, technopolis and urban spaces. In Fariás; Bender (2010), p.179-196.
- Guggenheim, M. (2010). Mutable immobiles: building conversion as a problem of quasi-technologies. In I. Fariás & Bender. *Urban Assemblages – How Actor-Netowirk Theory Changes Urban Studies* (p.161-178). Londres, New York: Routledge.
- Jacobs, J. (2003) *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes
- Knorr-Cetina, K. (2001). Postsocial Relations: Theorizing society in a Postsocial Environment, In G. Ritzer, & B. Smart. (Eds.). *Handbook of Social Theory* (520-537). Londres: Sage.
- Latour, B. (2013) *Inquiry of Modes of Existence. An antrophology of the Moderns*. Harvard: Harvard University Press.
- Latour, B. (2008) Reensamblar lo social: una introduccion a la teoria del actor-red. Buenos Aires: Manantial.
- Latour, B. (2004). *Como falar do corpo? A Dimensão normativa dos estudos sobre a ciência*. Revista *Body and Society*, vol. 10, p.205-229.
- Latour, B. (2001). *A Esperança de Pandora*. Baurú: EDUSC.
- Latour, B. (2000). *Ciência em Ação*. São Paulo: Editora UNESP.
- Latour, B., & Yaneva, A. (2008). 'Give Me a Gun and I will Make All Buildings Move': An ANT's view of Architecture. In R. Geiser (Ed.). *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research, Basel* (80-89). Birkhäuser.
- Law, J. (2008) On Sociology and STS. *The Sociological Review*, 56(4), p.623-649.
- Law, J. (2007) Actor Network Theory and Material Semiotics. Disponível em < de <http://www.heterogeneities.net/publications/Law2007ANTandMaterialSemiotics.pdf> > acesso em 06out2018.
- Law, J. (2004) *After method: mess in social science research*. London: Routledge.
- Law, J. (2000). *Objets, Spaces and Others*. Recuperado em 01 de outubro de 2014, de <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/soc027jl.html>
- Law, J., & Mol, A. (2000). *Situating Technoscience: an Inquiry into Spatialities*. Disponível em < <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Mol-Situating-Technoscience.pdf> > acesso em 05mai2018.
- Lynch, K. (1960) *The Image of the City*. Cambridge: The MIT Press.
- Marcuse, P. (2009) From critical urban theory to theright to the city, *City* 13(2–3), p. 185–197.
- McFarlane, C. (2011) Assemblage and critical urbanism, *City*, 15:2, p.204-224
- Mol, A. (2010) Care and its values. In A. Mol, I. Moser & J. Pols (Eds.). *Care in practice: on tinkering in clinics, homes and farms* (pp. 215-234). Bielefeld, Alemanha: Transcript ; Piscataway, NJ: Transaction.

- Mol, A. (2008). Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In J. Nunes; R. Roque, [Orgs.] *Objetos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência* (63-77). Porto: Edições Afrontamento.
- Mol, A. (2002) *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham, NC: Duke University.
- Mol, A. (1999) Ontological Politics: a word and some questions. In J. Law & J. Hassard (Orgs.). *Actor Network Theory and After* (pp.74-89). London: Blackwell.
- Mol, A. & Law, J. (2003) Embodied action, enacted bodies: the example of hypoglycaemia. Disponível em < <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.497.8877&rep=rep1&type=pdf> > acesso em 06out2018.
- Montaner, J. M. (2016) *A condição contemporânea da arquitetura*. São Paulo: Gustavo Gili.
- Montaner, J. M. (2014) *Arquitetura e crítica na América Latina*. São Paulo: Romano Guerra.
- Montaner, J. M.; Muxí, Z. (2014) *Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos*. Barcelona: Gustavo Gili.
- Moraes, M.; Arendt, R. (2013) Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a psicologia social. In *Psicologia em Estudo* 18(2), abr/jun 2013. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722013000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722013000200012) > acesso em 06out2018.
- Moser, I. (2000) Against normalisation: subverting norms of ability and disability. *Science as Culture*, 9(2), p. 201-240.
- Pedro, R.; Rodrigues, A.; Costa, A.; Gonçalves, C.; David, J.; Albuquerque, L.; Rheingantz, P.; Castro, R. (2014). Tecnologias de vigilância e visibilidade em cena: algumas controvérsias. *POLIS E PSIQUE*, v. 4, p. 51-79. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/49856> > acesso em 06out2018.
- Rheingantz, P. (2016) *Espacialidades. Arqutextos*, São Paulo, ano 16, n. 190.02, Vitruvius. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/16.190/5989> > acesso em 31out2018.
- Rheingantz, P. (2012) *Narrativas ou Traduções de Urbanidade*. In Aguiar, D.; Netto, V. (Orgs.) *Urbanidades*. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, p.135-162.
- Rheingantz, P., Carvalho, R.; Vargas, C. R.; Viana, L. Q.; Alcantara, D.; Martins, V. R.; Angotti, F. B. (2012) *Qualidade do lugar e cultura contemporânea: tecendo controvérsias em coletivos urbanos na atualidade*. In Rheingantz, P.; Pedro, R. (Orgs.) *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea: controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.17-31.
- Rheingantz, P.; Alcantara, D.; Barbosa, A. (2009) *Pires de Almeida: Reduto da alma encantadora das Ruas do Rio de Janeiro* In: Comas, C.; Peixoto, M.; Marques, S. (Orgs.) *O Moderno Já Passado O Passado no Moderno: reciclagem, requalificação, rearquitetura*. Porto Alegre : Editora Uniritter, p.279-300.
- Santos, M. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M.; Souza, M.A; Silveira, M.L. (1998) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, M. (2006). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP.
- Serres, M. (1999). *Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour*. São Paulo: Unimarco.
- Stengers, I. (2018) A Proposição Cosmopolítica. In *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 69, abr2018, p. 442-464 DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p442-464>
- Stengers, I. (2005) A cosmopolitical propodal. In: Latour, B., Weibel, P (eds) *Making things public:*

*atmospheres and democracy*. Cambridge, MA: MIT Press, p.994-1003.

Yaneva, A. (2012) Urban Controversies and the making of the social. In *Architectural Research Quarterly*, march, 2012, DOI: 10.1017/S1359135512000267

Yaneva, A.; Zaera-Polo, A. (Edits.) (2016). *What Is Cosmopolitical Design? Design, Nature and the Built Environment*. Londres, Nova Iorque: Routledge.